

CAMINHOS DE CULTURA DE UMA ETNOGRAFIA

Suzanny da Silva Lima¹
Daniel dos Santos Fernandes²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar os primeiros resultados de uma pesquisa em andamento, sobre construções culturais, que está sendo realizada na Agrovila Princesa do Xingu, em Altamira-Pará. Uma breve discussão acerca do conceito de cultura dentro da abordagem etnográfica foi construída a fim de se pautar as referências nas quais os resultados em questão foram coletados. Para tanto, as perspectivas de Geertz (1989) e Albó (2005) acerca de cultura foram norteadoras quanto ao entendimento das construções culturais dos moradores da Agrovila em questão após aproximadamente 46 anos de sua fundação. Além disso, a abordagem etnográfica de investigação científica na visão de Geertz (1989) e Mattos (2011) também é parâmetro para os dados aqui apresentados. Instrumentos da etnografia como observação participante, notas de campo, registro fotográfico e entrevistas foram utilizados para a coleta dos dados realizada até o presente momento.

Palavras-chave: Construções culturais. Abordagem etnográfica. Agrovila.

ABSTRACT

This article aims to present the first results of an ongoing research on cultural constructions that is being held at the Agricultural Village of Princesa do Xingu in Altamira-Pará. A brief discussion about the concept of culture within the ethnographic approach was constructed in order to guide the references in which the results in question were collected. To that end, the perspectives of Geertz (1989) and Albó (2005) on culture were guiding in the understanding of the cultural constructions of the dwellers of the Agricultural Village in question after approximately 46 years of its foundation. In addition, the ethnographic approach to scientific research in the view of Geertz (1989) and Mattos (2011) is also parameter for the data presented here. Instruments of ethnography such as participant observation, field notes, photographic records, and interviews were used to collect data until now.

Keywords: Cultural constructions. Ethnographic approach. Agricultural village.

1. CULTURA E ETNOGRAFIA: UMA PERSPECTIVA COMPLEMENTAR

Quando pensamos em conceituar cultura ou delineamos parâmetros para sua análise, é importante percebermos como os conhecimentos, sobretudo os científicos estão organizados dentro dos paradigmas. As Ciências Sociais emergem no século XIX, impulsionadas pelos avanços do conhecimento e pelas forças pragmáticas que o capitalismo acabou por incidir sob

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia/UFPA. E-mail: suzannylima@yahoo.com.br

² Doutor em Ciências Sociais/Antropologia, Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Bragança. E-mail: dasafe@msn.com

o paradigma científico dominante. Tais forças acabaram por gerar necessidades novas no processo de produção do conhecimento que o modelo hegemônico, o cartesiano, em vigor à época passou a não dar mais conta, empurrados pela evolução que o próprio paradigma promovia e a burguesia que, por sua vez, ganhava força como consequência do fortalecimento do paradigma hegemônico científico, que refletia de forma patente na não estagnação de seus meios produtivos.

Boaventura Santos (2008) pontua que tais necessidades geraram a crise do paradigma dominante, que está assentada em condições teóricas e sociais. Quanto às condições teóricas, houve alguns obstáculos que foram enfrentados devido à natureza dos fenômenos sociais que não seguiam a mesma estrutura dos naturais; dentre eles a dificuldade de se estabelecer leis universais, uma vez que são historicamente condicionados e socialmente determinados; o que dificultava previsões confiáveis por parte dos cientistas, uma vez que os fenômenos evidenciavam características de subjetividade nas análises feitas.

Quanto às condições sociais, o sociólogo em questão também aponta que a industrialização do conhecimento científico foi uma das razões de maior força para que o paradigma sofresse alterações estruturais, haja vista que a produção científica passou a servir interesses econômicos e políticos, ambos do âmbito social. A inserção dos contextos sociais, culturais e uma percepção mais precisa da estruturação de produção do conhecimento científico passaram a ter um papel de centralidade dentre as razões que revelaram as fragilidades, limitações e inconsistências que o paradigma dominante passou a apresentar e também insumo para as reflexões epistemológicas.

Assim, Boaventura Santos (2008) ao indicar algumas teses nas quais o paradigma emergente se assenta, sinaliza dois elementos que abrem caminho para uma relação dialógica com as construções do conceito de cultura, dentro da perspectiva antropológica, que nos foi favorecida pela mencionada inauguração das Ciências Sociais no século XIX, certos rompimentos e diferentes perspectivas quanto ao estudo da realidade que o nascimento do paradigma em questão fez emergir. O primeiro deles é que o paradigma emergente rompe com a fragmentação, uma vez que no paradigma dominante tinha de se dicotomizar, separar claramente cada área de conhecimento, daí as especializações das disciplinas, por exemplo, para que os cientistas melhor descrevessem e quantificassem os fenômenos com o rigor que o método lhes conferia.

O segundo é que o paradigma emergente vai mudar sua atitude na relação com o senso comum. A ciência moderna tornou-se hegemônica com a construção do método e desprezando, deslegitimando o senso comum. Ela operava pelo princípio dicotômico de pertencimento e não pertencimento ao que era considerado científico; por exemplo, se houvesse algum julgamento por parte dos cientistas que considerasse o conhecimento das pessoas de uma maneira geral como se não fosse válido nem importante para a ciência, por consequência, eles desconsiderariam também as pessoas, porque se o conhecimento delas era inválido as pessoas que o possuíam eram invalidadas, neutralizadas da mesma forma.

Portanto, uma das novidades que este último elemento traz é que, para que o conhecimento científico se consolidasse, ele precisava se tornar senso comum e, portanto, ser apropriado por todas as pessoas, circular não somente entre aqueles que dominam o método e que produzem o conhecimento. Em consequência, passa a existir a ideia do respeito e valorização pelo senso comum, uma vez que o mesmo passa a não ser totalmente desprezível da maneira que um dia que a ciência moderna apresentou. Outros aspectos de validação do conhecimento também passam a ganhar força, uma vez que a visão de que nenhuma ciência bastava a si própria, mas sim que se completava na relação com a outra passou a ser enfatizada, configurando, assim, o aspecto de interação entre as partes, que o paradigma em questão passou a apresentar.

Com base nesta perspectiva de junção do conhecimento científico e o saber tradicional, por exemplo, e de como é possível que este venha agregar à produção daquele que já é consagrado pelo paradigma dominante, que os estudos sobre cultura e o delineamento de seu conceito, no âmbito da antropologia, encontram caminhos que possam convergir para relações de correspondência e legitimação da produção do conhecimento dentro das humanidades. Práticas e saberes locais, por exemplo, ganham lugar de destaque, pois ao estudá-los, a subjetividade passa a ter papel central tanto para o exercício da alteridade, a compreensão do outro, quanto para o da outridade, compreensão de quem observa a partir de relações entre pessoas de contextos culturais diferentes.

Assim, na visão de Geertz (1989, p. 4), o conceito de cultura é fundamentalmente pautado na compreensão de Weber, que vê um homem preso a uma teia de significados que ele próprio construiu, “assumo cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Neste conceito, podemos perceber algumas características

teórico-conceituais do paradigma emergente, uma vez que há um foco nos sujeitos da interação, em suas práticas, sob uma perspectiva de construção, além de frisar que os significados que serão apreendidos e interpretados serão produto dessas várias conexões, evidenciando, assim, a produção do conhecimento cultural a partir da observação do sujeito sob a perspectiva de um processo maior, que contempla o todo de maneira indivisa.

Dessa forma, o estudo cultural passa a ser temático, pois para que as mencionadas construções de sentido sejam observadas e interpretadas dentro do contexto social de pesquisa selecionado, é indispensável que se tenha uma visão mais totalizadora dos eventos apreendidos a partir de tudo que os sujeitos sociais produzem como fruto de sua cotidianidade, de modo que os elementos que fazem parte de tal aspecto sejam compreendidos e analisados de maneira articulada e não separada.

De igual modo, na ótica do antropólogo Albó (2005, p. 16), o conceito de cultura muito se aproxima da visão de Geertz, pois o referido estudioso percebe a cultura por prismas interconexos de fatores e elementos que juntos, refletem os traços culturais de uma sociedade. Para ele, a cultura pode ser entendida por dois sentidos, um mais universal com a ideia de “conjunto de características *adquiridas pela aprendizagem*, em oposição às que são herdadas biologicamente é, então cultural (e não biológica) qualquer característica aprendida e não transmitida biologicamente”. E um outro mais específico, que remete à ideia de “conjunto de características adquiridas pela aprendizagem e *compartilhadas por um determinado grupo social*”. (ALBÓ, 2005, p. 16)

Diante disso, o referido teórico acredita que o estudo da cultura compreende conhecimentos aprendidos e compartilhados que podem ser concentrados em três grandes áreas, incluindo aquilo que chama de pistas temáticas. A primeira é a tecnologia, que define como cultura material, sobrevivência em face da natureza. A segunda centra-se nas relações sociais, que são baseadas na relação entre cultura e sociedade. A terceira baseia-se no mundo imaginário, ou seja, na cultura simbólica.

É importante frisar que esses aspectos estão inter-relacionados, pois a cultura é um organismo vivo que está num fluxo contínuo de movimento e transformação. Percebê-los como conjunto, coexistindo nos mais diversos contextos, é imprescindível para que as construções culturais, as quais são percebidas e apreendidas por meio das práticas etnográficas em campo, sejam interpretadas de modo que revelem a realidade tal qual ela é e, segundo Geertz (1989) nos indica, com a densidade que lhe é devida.

Então, a fim de que essa dimensão de cultura seja alcançada e apreendida, a etnografia apresenta-se como uma modalidade investigativa propícia, uma vez que tem por objetivo o estudo das descrições dos povos, língua, raça, religião e manifestações materiais de suas atividades as quais despertam o interesse do pesquisador com a finalidade de que as descreva e represente a partir de sua leitura e compreensão das realidades presenciadas. Ou seja, a etnografia, de uma maneira geral, tem interesse pelo estudo profundo e denso da cultura dos grupos sociais ao trazer à tona uma das possibilidades para o entendimento de cultura, Geertz (1989), um dos teóricos mais representativos da etnografia tradicional em sua obra intitulada “*Descrição densa, por uma teoria interpretativa da cultura*”, conceitua cultura como a maneira pela qual o homem significa, compreende seu mundo a partir da rede de significados que acumula, cria e constrói ao longo de sua história.

Da mesma forma, Mattos (2011), ao tecer comentários sobre a abordagem etnográfica, elenca que, primordialmente, a etnografia visa:

- 1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura;
- 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais;
- 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado (MATTOS, 2011, p. 49).

Dessa forma, para que tais aspectos sejam alcançados ou apreendidos, é necessário que haja um envolvimento, inserção e participação do pesquisador que opta por essa modalidade investigativa de modo que faça parte da realidade e contexto no campo de sua pesquisa. Para tanto, a observação participante tem no escopo de seu conceito uma prática mandatória para a etnografia, que é fazer observação direta e por um período de tempo suficiente que seja possível estabelecer conexões e construir interpretações acerca das maneiras rotineiras de se viver de um determinado grupo de pessoas. A referida prática se torna tão latente e indispensável, porque para que se revele um significado cotidiano nos quais as pessoas agem é necessário um olhar mais profundo, intenso e holístico sobre seus contextos com o objetivo de se identificar os padrões mais recorrentes das percepções e comportamentos manifestos rotineiramente.

Assim, as práticas etnográficas nos direcionam a investigar as diversas realidades do outro com algumas posturas definidas e objetivadas a partir das cenas que se apresentam diante dos olhos do pesquisador. Este busca apreender uma determinada realidade para depois

apresentá-la e, para isso, é necessário que ao se deparar com as cenas em campo possa colocar suas habilidades interpretativas a serviço de uma

multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas e, que ele tem de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (GEERTZ, 1989, p. 7).

Para que tal interpretação seja a mais acurada possível, ou possa ser sustentada dentro da lógica do espaço estudado e com os agentes sociais de pesquisa escolhidos, o pesquisador precisa se ater ao que está para além da rotina corriqueira e automática da coleta de dados. Ele precisa perceber a estrutura de significação daqueles comportamentos, suas motivações e suas funções para cada ato daquela realidade. Assim, Geertz (1989) acentua que para que um quadro de interpretações seja sistematizado é necessária uma descrição densa, isto é um detalhamento mais completo possível, do contexto social em que se está inserido seja feito a fim de que se determine sua base social e sua importância.

E para que todos esses níveis de representação e significação sejam alcançados, a escolha dos instrumentos etnográficos passa a ter uma importância tão significativa quanto ao aporte teórico tido como referência para que os dados coletados sejam interpretados. Para tanto, a pesquisadora do trabalho em questão, na busca desse olhar diferenciado, ao problematizar certos aspectos encontrados em Altamira, especialmente no que concerne aos grandes motivadores e promotores de mudança na dinâmica de região, pensou em estudar uma Agrovila do município a partir das construções culturais evidenciadas por seus moradores com o intuito de perceber e identificar como as lógicas dos migrantes (e dos descendentes deles) estão estabelecidas pós-ápices de fluxos migratórios intensos na região. Especialmente, o mais recente deles com a construção da hidrelétrica de Belo Monte a partir de 2011.

Dessa forma, alguns resultados quanto às construções culturais dos moradores da Agrovila Princesa do Xingu poderão ser acessadas na seção a seguir.

2. CONSTRUÇÕES CULTURAIS: PRIMEIROS RESULTADOS

Como um dos objetivos desta pesquisa em andamento é discutir as construções culturais em espaço de migração, a opção pelo uso de alguns instrumentos metodológicos da

abordagem etnográfica é justificada pela oportunidade de acesso a dados que dizem, por exemplo, respeito às práticas do grupo social estudado a partir de sua cotidianidade, sem deixar de se considerar os recortes temporais para que as análises e interpretações dos significados sejam feitos. Portanto, a escolha da comunidade foi justificada pelo histórico de sua fundação e formação ter sido fruto dos movimentos migratórios motivados pelos grandes projetos na região. Além disso, tal escolha se deu em virtude da possibilidade de reunião dos migrantes e/ou seus descendentes, provenientes dos referidos movimentos, no mesmo espaço, no caso a Agrovila Princesa do Xingu, uma vez que chegaram à região motivados pela colonização promovida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em decorrência das obras de abertura da rodovia Transamazônica.

Ademais, a escolha da comunidade também é justificada em razão de seus moradores apresentarem potencial para fornecer pistas quanto à formação atual da população residente e outras informações referentes a ela, uma vez que se mostram muito atentos e cientes do perfil da maior parte dos moradores que ocupam as áreas da Princesa, haja vista que ainda conseguem nomear os moradores das diferentes áreas da Agrovila e apontar suas atividades laborais e do dia a dia com uma precisão característica de pequenas vilas e comunidades, pois é comum perceber a relação de vizinhança evidente entre os moradores.

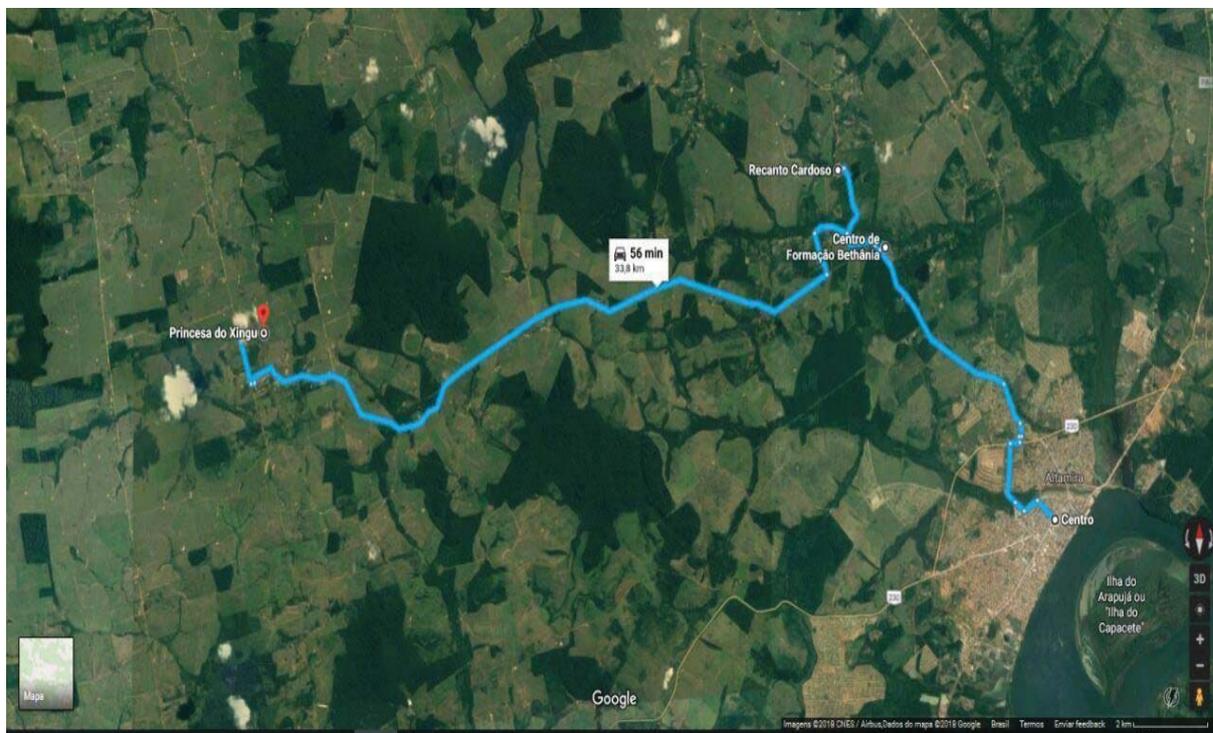
Assim, serão apresentados a seguir resultados evidenciados a partir de visitas feitas à Agrovila em diferentes momentos, entrevistas realizadas com alguns moradores e alguns registros fotográficos. Ficou evidente, até o momento, que elementos como os meios de subsistência e produção e a relação de pertencimento que os moradores possuem especialmente com o campo de futebol retratam alguns dos principais elementos e geradores das constantes mudanças, afirmações e ressignificações quanto às construções culturais da Princesa do Xingu.

2.1 CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO

A referida comunidade fica situada na vicinal 6, a aproximadamente 30 quilômetros da sede do município Altamira-Pará. A via principal de acesso à agrovila é a estrada Princesa do Xingu ou estrada Cachoeirinha, conforme informações obtidas na Agência Altamira (AGALT) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa estrada é a mesma

que dá acesso ao Centro de Formação Bethânia e alguns balneários da região, como Recanto Cardoso³.

Figura 1⁴



Diante disso, a presente pesquisa em andamento acerca das construções culturais da Agrovila Princesa do Xingu (APX) no município de Altamira – Pará está englobada nessa perspectiva de análise, pois ao retratar seu *status* atual após 46 anos de fundação retrata também aspectos de sua historicidade, identidade, relação de seus moradores com os espaços que a Agrovila possui, dentre outros aspectos que fazem parte de sua composição cultural a fim de que se tenha uma percepção mais próxima da realidade vivida por seus sujeitos e, assim, discutir as construções culturais evidenciadas por seus moradores neste tempo de existência da Agrovila.

Um breve histórico da Princesa do Xingu revela que os movimentos migratórios foram relevantes para sua fundação e implantação, posto que a partir de sua abertura e colonização, eles foram gerados e articulados sob a gerência do governo federal na década de 1970 na Amazônia. A criação e fundação da Agrovila está circunscrita ao contexto de colonização e

³ Localidades conhecidas e tidas como pontos de referência entre os moradores da área.

⁴ Fonte: Google Maps. Acesso: 22 mar. 2018.

abertura da rodovia Transamazônica (BR 230) durante o governo militar do general-presidente Emílio Garrastazu Médici na década mencionada.

Como aponta Souza (2014), no processo histórico de formação e colonização da área de Altamira o fenômeno migratório sempre foi muito evidente e acentuado sob várias perspectivas. Isso se configurou como tal, porque a região foi alvo de políticas integradoras e colonizadoras do governo federal, especialmente no governo militar, na década de 1970, que tinha em uma de suas linhas de frente o “desenvolvimento” da região e também possuía, como um dos cerne de sua política, a ideia de “homens sem terra para terras sem homens”. Como fruto desse momento histórico-político, grupos de diferentes lugares do Brasil, vieram em busca da mudança ou melhoria de vida tão prometida e incentivada pelo governo à época.

Os migrantes que chegavam até aos entornos da rodovia que estava em processo de abertura, eram oriundos do nordeste e do sul, pois na lógica de ação do governo de Médici, pensava-se atingir os objetivos primordiais do Plano de Integração Nacional (PIN) por meio de três grandes projetos prioritários: a) a construção da Rodovia Transamazônica e da Cuiabá-Santarém; b) o plano de colonização associado às citadas rodovias; c) a primeira etapa do Plano de Irrigação do Nordeste; programas de colonização de vales úmidos do Nordeste com a criação do Plano (BRASIL, 1970, p. 32).

No que tangia à Transamazônica, havia ações mais específicas e de gerência do INCRA para que os objetivos traçados fossem assegurados e conquistados.

Paralelamente à abertura da Transamazônica processa-se o trabalho da colonização, realizado pelo INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária). As pequenas agrovilas se sucedem de vinte em vinte quilômetros à margem da estrada, e nos cem hectares que cada colono recebeu são plantados milho, feijão e arroz. Já no próximo mês começará a plantação de cana-de-açúcar, cujas primeiras mudas, vindas dos canaviais de Sertãozinho, em São Paulo acabaram de ser distribuídas. Jovens agrônomos, recém saídos da universidade, orientam os colonos...No meio da selva começam a surgir as agrovilas. Vindos de diferentes regiões do país, os colonos povoam as margens da Transamazônica e espalham pelo chão virgem o verde disciplinado das culturas pioneiras. Os pastos da região são excelentes (MANCHETE, 15 de abril de 1972, p. 73 *apud* SOUZA, 2014, p. 4).

Diante do conhecimento destas evidências históricas, a escolha de Altamira como *locus* da pesquisa e, mais especificamente, a agrovila Princesa do Xingu como campo da pesquisa são justificadas porque estão inseridas no contexto histórico de política governamental e, por consequência, de migração que permeia praticamente toda a extensão da Transamazônica (BR 230). A criação da referida agrovila, por exemplo, foi consequência dos

planos de ação dos grandes projetos do governo federal na década de 70, que possuía como um de seus objetivos a colonização dos seus entornos feita pelo INCRA composta por colonos provenientes da região nordeste e sul com vistas a desfazer o fluxo nacional interno de migração para o sudeste e preenchendo os tão propagados e reforçados “vazios demográficos”, que a Amazônia carregava, e eram sustentados dentro da política praticada pelo governo.

Pode-se perceber que as ações em direção à colonização das margens da rodovia eram tão importantes quanto a execução do projeto de abertura da mesma, uma vez que aconteciam quase que concomitantemente. Pereira (2015) menciona que, com vistas à articulação da colonização da Transamazônica, que estava inserida dentro do PIN, criaram-se os Programas Integrados de Colonização (PICs), também sob a coordenação do INCRA juntamente com as prefeituras municipais, a fim de que famílias rurais fossem assentadas nos lotes de 100 hectares cada, na década de 70. A estimativa era de que 100 mil famílias fossem assentadas no período de 70 a 74. Equipes para recrutamento e seleção dos possíveis colonos foram formadas em várias partes do país, sobretudo nas regiões nordeste e sul.

No caso da Princesa do Xingu, assim que foi fundada a Agrovila ainda não possuía nome, mas os administradores do INCRA deixaram a cargo dos primeiros residentes da mesma escolherem, segundo relata Seu Nélio⁵, agricultor, natural do Piauí, residente de Santa Inês/ Maranhão, pioneiro da Agrovila, deixou aquela localidade rumo à Amazônia aos 31 anos, casado e com a necessidade de um emprego mais rentável que pudesse suprir melhor as necessidades dele próprio e de sua esposa, conta que, *o nome da comunidade foi nós que colocamos, nós fizemos uma assinatura que nem um rifa aí mandamos pro INCRA, aí lá fizeram a jogada lá e aí saiu Princesa do Xingu, mandamos uma lista com sugestão de nomes primeiro. Teve quatro nomes, mas no momento não lembro qual era. Lembro só o meu que eu sugeri, aí o vizinho ali ganhou, mas foi feito lá no INCRA. Cada um sugeriu um nome, tipo uma rifa, e lá, quando chegaram lá, botaram no surteio o vizinho ganhou Princesa do Xingu, a minha opção era Nova Jerusalém. Segundo o pioneiro⁶, o nome tornou-se oficial em 73, ano em que também começaram a residir, de fato, nos limites da Agrovila.*

Minhas primeiras observações, quanto à geografia do local deu-se em razão dos entornos da agrovila terem a forma aproximada de um quadrado em que as casas não ficam necessariamente umas do lado das outras; a disposição delas é mais dispersa, não

⁵ Por questões éticas, nomes fictícios foram atribuídos aos entrevistados.

⁶ Termo utilizado para designar os primeiros moradores da comunidade.

apresentando certa regularidade quanto ao espaçamento entre uma e outra; tal disposição chamou a minha atenção, especialmente quanto à presença de seus moradores.

Figura 2⁷



Minha primeira visita foi feita em um dia de semana pela manhã e percebi pouco ou nenhum movimento nas casas, quase todas estavam fechadas. O pouco movimento que percebi e do qual me recordo foi o da escola, uma vez que as aulas estavam normais e havia uma programação especial em comemoração pelo dia da criança. Algumas visitas mais tarde, chegaria à conclusão de que minha percepção inicial faria parte de um comportamento comum às vilas de agricultores da região que, durante a semana costumam trabalhar e dormir em seus locais de trabalho e, aos finais de semana, retornam as suas casas nas agrovilas para descansar e usufruir dos espaços da mesma.

Conforme informações obtidas na agência do IBGE em Altamira, segundo último censo de 2010, cerca de 80% de seus residentes ainda têm seu meio econômico com base na agricultura ou de algo relacionado a ela. Consoante o chefe da equipe de coleta de dados de campo da agência em questão, cerca de 80% das atividades agrícolas ainda são feitas nos lotes dos moradores, terras que foram direcionadas a eles pelo INCRA à época da colonização da

⁷ Fonte: Google Maps. Acesso: 20 mar. 2018.

rodovia Transamazônica como uma das garantias e ofertas pela vinda dos colonos à Amazônia. Ainda como principal meio econômico de seus residentes, as atividades agrícolas, agropecuárias e o funcionalismo público na escola e posto de saúde são os principais segmentos de geração de renda dos residentes da comunidade.

2.2 O LAZER

Como boa parte dos moradores possui atividades, especialmente as laborais, que não acontecem no interior da comunidade, aos finais de semana, é possível notar que os residentes da Princesa valem-se dos espaços como bares e mercadinhos, frente das casas, campo de futebol, por exemplo, para o lazer. É comum perceber os moradores transitando de uma casa à outra e também pelas ruas que cortam a Agrovila a fim de conversar umas com as outras, colocar cadeiras à frente das casas para aproveitar o tempo livre. Além disso, partidas de futebol aos domingos ajudam a compor o cenário das cenas de lazer no interior da comunidade; tais partidas costumam atrair um bom número de pessoas que se reúnem para jogar e sociabilizar umas com as outras.

Em um dos domingos em que as partidas de futebol estavam ocorrendo, dia ensolarado, por volta das 14h, sol *a pino* e dia muito promissor para se estivesse na Princesa, uma vez que, àquela altura da minha presença na agrovila, já havia percebido e comprovado que um dos maiores motivos de movimentação eram os torneios de futebol que ora eram promovidos por um dos moradores que fez em parte do seu lote, um campo de futebol para que os torneios e partidas acontecessem, ora ocorriam no campo de futebol que há em uma das ruas da agrovila, bem ao lado da escola de ensino médio. Esta última, segundo conta um dos pioneiros, sob uma espécie de rodízio quanto à administração, pois como as partidas acabam sendo feitas em meio a torneios, há um valor que é pago para que as equipes participem.



Além disso, como o evento motiva a circulação de pessoas, sobretudo de não moradores da agrovila, bebidas como água, suco, cerveja e alguns aperitivos como geladinhos, doces, espetinhos e itens dessa natureza também compõe o cenário de movimentação das pessoas no campo de futebol e seus arredores.



É possível observar que os eventos de futebol atraem diversos públicos, especialmente de outras localidades, inclusive outros municípios como Brasil Novo⁸ e Medicilândia⁹. A maioria das pessoas que fica às margens do campo de futebol, além de torcer por suas equipes de preferência, aproveita a oportunidade para se reencontrar ou criar novos vínculos de amizade, pois como o evento é periódico, seus admiradores acabam por criar certa tradição com suas presenças na torcida e também com disposição para se deslocarem de seus bairros em Altamira ou de seus municípios vizinhos.



As partidas costumam começar por volta de nove da manhã, sem horário certo para que terminem; geralmente, o ponto de término é quando a última equipe inscrita joga e assim finaliza o evento daquele dia. D. Gisele, costuma sempre observar a movimentação que as partidas costumam trazer para a agrovila, pois sempre muito acostumada com a calma peculiar das ruas, nos dias de jogo relata que vê de tudo, carros, motos, bicicletas, pessoas a pé, todos vindos de lá para cá, alterando a paisagem e a dinâmica própria da agrovila, que

⁸ Brasil Novo fica localizado a aproximadamente cinquenta quilômetros ao Oeste da sede do município de Altamira.

⁹ Medicilândia fica localizado a aproximadamente noventa quilômetros ao Oeste da sede do município de Altamira.

conhece tão bem. Ela costuma apreciar esses dias, pois trazem “novidades” aos dias da agrovila, haja vista que, por motivos de saúde está mais restrita a ficar em sua casa; dessa forma, testemunha no dia a dia o que acontece mais na rua de sua casa e conversa com os vizinhos que, frequentemente vão a sua casa para um bom bate-papo ou simplesmente dar um “alô¹⁰”.

Algo que me chamou a atenção durante os momentos que pude passar com ela e em sua casa foi o fato de uma vez ou outra as pessoas irem até a residência dela para pedir água. Este fato me chamou atenção, porque sua casa não é a única próxima ao campo de futebol, mas tive a nítida sensação que somente a dela era avistada por aqueles que precisavam de água para beber. Não consegui identificar o porquê disso acontecer, mas percebi que tais pedidos costumavam gerar um certo ar de satisfação em D. Gisele, pois não negava nenhum pedido e isso também possibilitava que as pessoas se aproximassem dela e de sua casa. Tal cena revela que pedir água parece ser um hábito bem comum na vizinhança, pois em um dos momentos que uma das pessoas pediu água a ela, esta disse que água é o tipo de pedido que não se pode negar porque abre precedente para certo tipo de maldição ou má sorte, algo como secar poço ou fonte de onde se obtém água, sobretudo a potável.

2.3 MEIOS DE PRODUÇÃO E SUBSISTÊNCIA

Quando perguntado acerca dos meios de produção e subsistência na APX dos moradores, Kalil, com 26 anos e ensino superior completo, retrata um olhar honesto quanto ao que acontece diante de seus olhos. Esse morador conta que nasceu e foi criado na Princesa, mas viu que a Agrovila passou por diversas fases, dentre elas a do momento em que os proprietários dos lotes vendem suas terras ou passam a arrendar parte delas, como estratégia de subsistência e de manutenção da propriedade.

Kalil, depois de ter cursado o ensino superior e de ter passado dois anos em outro município cerca de duzentos quilômetros de distância de Altamira, chegou à conclusão que seria mais interessante retornar à Princesa e tentar fazer algo mais produtivo, ao seu ver, com as terras de sua família, um de seus familiares fez parte da primeira leva de moradores e, por isso, era proprietário de lote. Em conversa, Kalil conta que a plantação de mandioca ainda parecia ser vantajosa, embora tivesse perdido a força e a tradição se seu cultivo dentro os

¹⁰ Expressão comum utilizada pelas pessoas para saudarem umas às outras.

demais moradores. Ele lembra que a família chegou a construir três casas de farinha, mas por conta de fatores como as condições do solo, chuva, custos de produção e baixo valor competitivo no mercado local e das regiões próximas ao município e, sobretudo, falta de incentivo e facilidades ao pequeno e médio produtor quanto à crédito e burocracia a produção da farinha perdeu força e destaque no mercado de Altamira.

Atualmente, ele encara o plantio e a produção da farinha como uma atividade alternativa a sua de maior rentabilidade, que é ligada à construção civil, *eu planto, mas na verdade eu trabalho com construção; eu passo o verão todinho trabalhando com construção. Quando é inverno que é ruim pra construção, eu vou mexer com farinha. Porque, é tipo assim, eu plantei o ano passado. Isso é um investimento. Tu planta e esquece, espera um ano e quatro meses para dizer que vai colher, tu não sabe nem se ela vai dar boa ou não.*

As razões para ele ainda permanecer com a produção de farinha são a conveniência de já ter uma casa de farinha construída e disponível para que possa beneficiar a mandioca até a produção final da farinha, e o acesso às terras do lote da família que é propícia ao cultivo da cultura em questão e possibilidade de contar com a mão de obra de alguns membros de sua família e de alguns conhecidos que ainda desenvolvem práticas agrícolas, se não na Princesa, em terras de fazendas ou lotes de proprietários da região. Além disso, o cultivo da mandioca é sazonal, logo a necessidade da mão de obra se dá por temporadas, *aqui é no mínimo oito, dez pessoas para plantar. Lá na roça (lote) eu fico com dois arrancando, aí aqui (farinheira) vem três mulheres descascando, aí aqui já fica um relando aqui pondo na prensa e o outro já fica torrando e a despesa é grande. Faltar um já atrapalha tudo. Essa semana faltou uma menina, já não deu suficiente para torrar tudo no outro dia.*



Kalil complementa que para ter uma boa produção é necessário que se tenha técnicas e investimentos aliados às chuvas nas terras onde o cultivo da mandioca se dá; se elas ocorrerem em quantidade mínima é possível assegurar a produção, caso contrário, não, *nessa roça que eu plantei isso aqui (apontando para as raízes de mandioca), eu plantei ano passado e nessa roça que eu tirei uns cem sacos. Agora que eu não plantei na técnica, não coloquei calcário, não adubei duas vezes por ano e o verão foi muito ruim essa aí vai dar uns cinquenta sacos só... Deu fraco.*



Ao comentar sobre as condições da cadeia produtiva, desde o plantio até a venda do produto já beneficiado, Kalil revela um desapontamento quanto às dificuldades fiscais e as condições de pouca visibilidade e valorização do pequeno produtor e daquilo que é produzido na escala local. Ele diz, por exemplo, que os proprietários de supermercados de Altamira preferem que a farinha seja vendida em uma embalagem com algumas especificações que, segundo o pequeno produtor, encarecem o produto e, principalmente, impedem o consumidor de avaliar a qualidade da farinha¹¹, o que, na visão dele, faz com que o consumidor seja prejudicado. Contudo, ele também se vê obrigado a concordar que, apesar do consumidor final ficar impedido de experimentar a farinha que já vem sacada individualmente, muitos consumidores dispensam a qualidade do produto mediante um preço mais em conta e competitivo.

Assim, a produção da farinha cada vez mais perde força e deixa de ser desenvolvida por pequenos produtores e faz crescer o interesse pela agropecuária que vem na contramão das culturas agrícolas e apresenta-se com o setor que mais emprega e, dessa forma, caracteriza a atividade de mão de obra de boa parte dos moradores da Agrovila.

¹¹ Os consumidores e apreciadores de farinha têm um costume peculiar de experimentá-la pegando um punhado e levando-a até a boca a fim de testar seu sabor e crocância e, após este teste, decidir se levará o produto ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Valer-se das práticas etnográficas para que haja a apreensão de todo o contexto no qual os sujeitos se inserem e partir dele constroem interações, referências culturais, pensamentos é incentivar o pesquisador a ir em busca não apenas dos fatores causais de determinados fatores, mas sim de compreendê-los em sua totalidade, holisticamente, percebendo que as ações por ele identificadas só se processam da maneira que acontecem porque há uma lógica local que precisa ser interpretada, apreendida e representada como se fosse um nativo. Há um interesse pelo que é processual e não causal, marcando, dessa forma, uma grande diferença entre a pesquisa dentro da abordagem etnográfica e as praticadas nas demais vertentes.

Perceber, em campo, como os significados são construídos a partir do dia a dia dos mais diversos sujeitos e entender como eles atribuem e conferem sentidos a eles, corrobora com o que Geertz (1989) compreende acerca de cultura e a maneira como os significados estão inter-relacionados e juntos compõem a cultura de um determinado grupo social foi primordial para que, de fato, um dos objetivos principais desta pesquisa em andamento começasse a ser alcançado. Então, perceber, descrever e apreender eventos como a dinâmica vivencial dos moradores quanto ao campo de futebol da Agrovila e alguns dos seus meios de produção e subsistência também é caracterizar como as construções culturais evidenciadas por eles estão se dando nos dias de hoje.

Assim, espera-se que a presença da pesquisadora desta pesquisa em andamento em campo continue oportunizando acesso aos fenômenos sociais percebidos no cotidiano da comunidade da Agrovila Princesa do Xingu a fim de que descreva os eventos com a densidade necessária e atinja os níveis de apreensão, compreensão e interpretação das características das construções culturais mais relevantes e representativas do grupo social em questão após mais de quatro décadas de existência.

REFERÊNCIAS

ALBÓ, Xavier. *Cultura, interculturalidade, inculturação*. Colección Programa Internacional de Formación de Educadores Populares Fe y Alegría. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BRASIL. Presidência da República. Metas e bases para a ação de governo. Brasília, 1970.

_____. Decreto-lei nº 1.106, de 16 de junho de 1970. Cria o Programa de Integração Nacional, altera a legislação do imposto de renda das pessoas jurídicas na parte referente a incentivos fiscais e dá outras providências. Brasília, 1970. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del1106.htm> Acesso em: 01 out. 2017.

GEERTZ, Clifford. **Descrição densa, por uma teoria interpretativa da cultura.** In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 05 de outubro, 2017.

PEREIRA, Airton dos Reis. **A colonização na Transamazônica durante o governo de Emílio Garrastazu Médici.** Revista Reflexão e Ação, vol. 23, no. 2. Santa Cruz do Sul-SC, p. 54-77, 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/6369/pdf_24> Acesso em: 04 jan. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez. 5ª ed. 2008.

SOUZA, César Martins de. **Ditadura, grandes projetos e colonização no cotidiano da Transamazônica.** Revista Contemporânea, vol. I, ano 4, no. 5. Niterói-RJ, p. 1-19, 2014. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/5_Ditadura_grandes_projetos_e_colonizacao_no_cotidiano_da_Transamazonica.pdf> Acesso em: 30 set. 2017.